

## Formação continuada em educação sexual: Um estudo a partir da perspectiva dos professores do ensino básico

Marcela Zoratti de Souza<sup>1</sup>  
Cláudia Landin Negreiros<sup>2</sup>  
Miriam de Lima Hellmann<sup>3</sup>



10.56238/rcsv14n5-013

### RESUMO

Neste artigo, é apresentado um trecho da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGCEM) da UNEMAT. O objetivo do estudo foi promover um curso de formação contínua online sobre educação sexual, proporcionando aos professores participantes um espaço para compartilhar experiências e dúvidas. Foi utilizada abordagem qualitativa, com uso de metodologia de pesquisa formação, cujos dados foram coletados por meio de questionários e das intervenções dos professores durante os encontros formativos. Na análise dos resultados, adotou-se a perspectiva interpretativa de Severino (2007), que revelou a carência na formação dos professores em relação à educação sexual, indicando a necessidade de oferecer formação continuada nessa área.

**Palavras-chave:** Educação Sexual, Professores, Formação.

### 1 INTRODUÇÃO

A educação sexual é um componente fundamental da formação dos jovens, que pode fornecer informações relevantes sobre a saúde sexual, os relacionamentos saudáveis e, ainda, sobre consentimento. Assim, quando discutimos o cenário atual, é preciso considerar que a formação das pessoas como indivíduos de gênero e sexualidade não é exclusivamente atribuída à escola. Conforme Louro (2008) aponta, essa influência se dá através de várias instituições sociais, historicamente interligadas a esse processo educativo, tais como a família, a igreja, as instituições legais e de saúde, o cinema, a televisão, a música, a publicidade, as revistas e a internet, incluindo as redes sociais, sites de relacionamento e blogs. Adicionalmente, os shoppings e as pesquisas de mercado e opinião desempenham um papel significativo nesse contexto.

É certo que a instituição de ensino tem um papel essencial na integração dos estudantes, proporcionando um espaço para vivências e aquisição de novos conhecimentos por meio da troca de culturas e interações sociais. Também, que cabe à escola fomentar o crescimento pleno do aluno através de uma educação libertadora. Nesse contexto, é, pois, incumbência do educador explorar várias perspectivas e adotar distintas abordagens educacionais, mantendo sempre o respeito às sabedorias prévias dos estudantes.

---

<sup>1</sup> Mestre

<sup>2</sup> Doutora

<sup>3</sup> Mestre

Ao promover debates, discussões, esclarecimentos e resolução de dúvidas sobre o tema da sexualidade, a escola possibilita aos jovens vivenciá-la de forma consciente, pois o sexo não representa a única maneira de expressar a sexualidade, mas sim uma dentre várias.

O indivíduo experimenta a sua sexualidade em nível pessoal, porém a sua formação é moldada considerando os valores e normas da sociedade (Chauí, 1985; Bozon, 2004; Meira et al., 2006). Enquanto o sexo está relacionado aos órgãos genitais e/ou à atividade sexual, a sexualidade abrange a maneira como as pessoas lidam com os seus prazeres e desejos, sendo mais influenciada pela cultura do que pela biologia. (Louro, 1998).

A educação sexual passou por mudanças significativas ao longo do tempo. Antigamente, o ensino sobre esse tema nas escolas era limitado à fisiologia e reprodução humana, focando principalmente na transmissão de informações biológicas. No entanto, a partir das últimas décadas do século XX, novas abordagens surgiram na educação sexual, visando uma perspectiva mais ampla e inclusiva. Houve uma transformação de conceitos, percebendo a sexualidade como um elemento essencial da existência humana, englobando aspectos emocionais, sociais, culturais e éticos. Esse movimento foi impulsionado por diferentes fatores, como avanços nos estudos de gênero, a luta pelos direitos sexuais e reprodutivos, e a importância de uma educação que promova a saúde sexual e previna doenças.

A partir de meados dos anos 1980, houve um aumento na procura por trabalhos relacionados à sexualidade nas escolas. Esse aumento se deu devido à preocupação dos educadores com o crescimento significativo da gravidez indesejada entre os adolescentes e o risco de contaminação pelo HIV entre os jovens. Inicialmente, acreditava-se que as famílias resistiam à discussão dessas questões nas escolas. Atualmente sabe-se que alguns pais solicitam educação sexual nas escolas, pois reconhecem sua importância para crianças e jovens, além de entenderem a dificuldade de abordar esse tema de forma aberta em casa. (Brasil, 1997, p. 111).

Tal conteúdo costuma ser trabalhado nos últimos anos do ensino fundamental, período esse de transformações significativas para esses estudantes. É essencial, então, fornecer informações que os ajudem a desenvolver uma perspectiva saudável e consciente sobre sua própria sexualidade, capacitando-os para lidar de forma responsável e segura com questões ligadas à saúde sexual ao longo de suas vidas.

Educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; - educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos; - para educar sexualmente é preciso saber ouvir; - o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; - o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos. (FIGUEIRÓ, 2006, p. 7).

Adicionalmente, os professores apontaram a falta de recursos sobre certos temas sexuais como uma das dificuldades ao abordar o assunto em aula (OLIVEIRA, 2018). É notável que a maioria dos estudos na área da educação se concentra no Ensino Fundamental (BUENO; FRANZOLIN, 2017; MANO, 2009).

A sexualidade pode ser entendida como uma dimensão central do ser humano que inclui: compreensão e relacionamento com o corpo humano, vínculo emocional, amor, sexo, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, intimidade sexual, prazer e reprodução. A sexualidade é complexa e inclui dimensões biológicas, sociais, psicológicas, espirituais, religiosas, políticas, legais, históricas, éticas e culturais que evoluem ao longo da vida. (UNESCO, 2019 p. 17).

Segundo Ferreira (1996), a escola moderna está seguindo um caminho que demanda uma reflexão sobre a formação dos professores. É crucial que essa formação seja contínua para proporcionar aos alunos resultados satisfatórios e permitir o uso de práticas pedagógicas atualizadas e contemporâneas, em colaboração com educadores que estejam atualizados. Isso é ainda mais crucial ao lidar com um assunto tão delicado, que frequentemente resulta em avaliações por parte das famílias ou até mesmo pelos próprios profissionais da escola. Apesar de enfrentar várias dificuldades, é essencial abordar esse tema, pois está relacionado ao momento de vida em que os alunos se encontram.

Dessa forma, o presente artigo deriva de uma seleção de uma dissertação de mestrado, concluída em 2024, que buscou implementar um programa de desenvolvimento profissional contínuo acerca da educação sexual. A necessidade desse programa torna-se evidente, uma vez que a pesquisadora identificou obstáculos em sua atuação pedagógica e reconheceu a importância da capacitação dos educadores nesse tema.

## 2 METODOLOGIA

O estudo abarcou uma série de iniciativas relacionadas à educação sexual, que permitiram aos educadores envolvidos compartilhar significados e vivências. Apesar de a temática abordada estar voltada para os anos finais do Ensino Fundamental, houve uma significativa participação de professores do Ensino Médio e também dos primeiros anos, devido à natureza online e acessível da formação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sob a abordagem de pesquisa-formação, caracterizada como uma metodologia que prevê a possibilidade de mudança nas práticas, assim como na trajetória dos indivíduos em formação.

De acordo com Oliveira (2016), a abordagem qualitativa pode ser vista como uma jornada de reflexão e análise da realidade, que se desenrola por meio de diferentes métodos e técnicas para a compreensão de um tema de estudo em seu contexto histórico. Em relação à pesquisa-formação, Josso (2010, p. 247) destaca que o processo desse tipo de pesquisa traz benefícios significativos para o

desenvolvimento dos participantes, mas também apresenta desafios decorrentes da integração necessária entre pesquisa e formação. Em resumo, é fundamental que cada pessoa demonstre interesse em aprender e contribuir para a construção do conhecimento, promovendo assim o avanço da pesquisa.

A análise dos dados foi conduzida com base nas respostas dos questionários fornecidos aos participantes durante a formação, bem como em seus comentários ao longo do curso. Inicialmente, foi aplicado um questionário sobre o tema e, posteriormente, outro ao final da formação. Quanto à análise dos comentários, adotou-se a abordagem interpretativa de Severino (2007).

No total, foram realizados seis encontros com duração aproximada de três horas cada. Em cada sessão, um palestrante foi convidado para discutir um tema específico. Após as apresentações, os participantes puderam compartilhar suas dúvidas e opiniões sobre o assunto. Segue abaixo o Quadro 1 com as datas dos encontros, os temas abordados e os respectivos palestrantes.

Quadro 1: Encontros Formativos

Data dos encontros formativos	Tema dos encontros	Palestrante
1º Encontro: 04/04/2023	Apresentação do Projeto de Pesquisa e do curso de formação de professores.	A pesquisadora- PPGCEM A orientadora- PPGCEM
2º Encontro: 11/04/2023	Eixos Temáticos da BNCC	Integrante da equipe de gestão de política e tecnologia em espaço educacional. SEDUC-MT
3º Encontro: 11/04/2023	Identidade de Gênero	Coordenadoria de gestão pedagogia da DRE Cuiabá-MT
4º Encontro: 18/04/2023	Violência doméstica e abuso sexista de crianças e adolescentes	Escrivã da Polícia Civil de Mato Grosso.
5º Encontro: 25/04/2023	Novas abordagens da educação sexual	Professoras da educação básica na rede Estadual de Mato Grosso
6º Encontro: 02/05/2023	O ciclo menstrual e seus desafios para comunidades carentes	Assistente social- Prefeitura de Tangará da Serra-MT

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2023).

No 1º encontro, mais de 40 participantes estiveram presentes, momento em que o projeto foi apresentado pela pesquisadora e a temática foi abordada pela professora orientadora. –

Já no 2º encontro, com cerca de 42 participantes, o assunto abordado foi os Eixos Temáticos da BNCC, apresentado por um professor membro da equipe de gestão de política e tecnologia em espaço educacional.

O 3º encontro abordou o tema Identidade de Gênero, com aproximadamente 32 participantes, tendo a palestrante provocado reflexões sobre a importância de desenvolver trabalhos sobre este tópico com os alunos.

No 4º encontro, discutiu-se sobre Violência doméstica e abuso sexual de crianças e adolescentes com a presença da escritora da Polícia Civil, que compartilhou diversas informações sobre o assunto. Contamos com a participação de 39 pessoas nessa ocasião.

No 5º encontro, o tema abordado foi Novas perspectivas sobre educação sexual, com apresentações das professoras da Educação Básica de Mato Grosso. Elas trouxeram diferentes formas de abordar o conteúdo e educação sexual, desde métodos tradicionais, como jogos em cartolina, até abordagens mais contemporâneas, como jogos em plataformas digitais.

Já no 6º e último encontro, o tema abordado foi O ciclo menstrual e seus desafios nas comunidades carentes, com cerca de 39 participantes presentes. A palestrante e Assistente Social trouxe valiosas informações sobre o tema. - Após os encontros, as intervenções dos participantes foram registradas em transcrições para identificar os pontos predominantes. Dentro do curso, foram delineados três eixos, os quais serão explorados posteriormente e após esse passo, buscamos, dentro dos questionários, perguntas que traziam esses eixos para levar à análise de dados.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através da análise dos dados e com o propósito de atender aos objetivos estabelecidos, a seguir descrevemos o conteúdo sobre o Eixo Dificuldades de abordagem do tema em sala de aula. As informações foram coletadas e apresentadas seguindo a seguinte sequência: questionário inicial, discussões nos encontros do curso e, por último, o questionário final.

12. Na sua opinião, esta é uma temática fácil ou difícil de ser abordada? Por quê?

“Fácil não é, mas não impossível. Acredito que com formação e autoformação seja possível romper as barreiras preconceituosas que cercam a temática.” P12

“Um pouco delicada.” P30

“A sexualidade como um todo, pois existem muitos paradigmas que devem ser quebrados.” P6

14. Você tem dificuldades na abordagem do tema? Se sim qual(is) a(as) dificuldade(s)?

“Tenho em relação aos tabus pelos pais e pelas mães e pela própria escola.” P17

“Não tenho ou não teria tanta dificuldade em abordar a temática. Tenho dificuldade em lidar com os diálogos durante a abordagem com pessoas resistentes.” P22

“Dificuldade não... mas as vezes um cuidado de como introduzir tal situação.... tal imagens para não correr o risco de ser mal interpretada”. P15

Em relação a educadores e a abordagem da temática, Figueiró (2006) relata que:

[...] a atuação como educador sexual não é tão simples como possa parecer, e que não basta ter recebido uma “preparação” prévia – para alguns, não basta nem mesmo estar um grupo de “assessoria”, em que se pode contar com supervisão e apoio [...] quando o educador tenta dar início a uma prática,

vários fatores dificultadores entram em jogo – ao que parece, a maioria deles de caráter emocional, mesmo quando a dificuldade parece ser apenas técnica, relacionada à escolha de estratégias de ensino [...] (Figueiró, 2006, p.27-28).

O PCN ainda ressalta a importância da formação para o professor ter condições de abordar o conteúdo:

E necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual. [...] (Brasil, 1998, p.303).

Durante as reuniões, os participantes compartilharam diversas opiniões sobre as dificuldades em abordar o tema, incluindo os desafios da administração da escola, já que muitos gestores temem a reação dos pais ou a exposição da instituição, o que acaba complicando a abordagem por parte dos professores. Em muitos casos, os professores ainda enfrentam a falta de conhecimento sobre o assunto, bem como a falta de materiais para uma aula eficaz. Diante dessas e de outras situações, iremos agora analisar as contribuições dos participantes nos encontros.

“E outra coisa que me marcou foi também a fala de alguns deles né, que as vezes na fala deles, eu perguntava se eles tinham alguém pra falar sobre isso em casa, e eles falavam. Não em casa a gente não pode falar disso! Então, eu acho que a escola ela é um espaço fundamental para abordar esse tema, porque a maioria dos jovens, adolescentes, o pai sabe que namorava que vai ter relação, mas existe o tabu na família, e não é nem conversar sobre sexo, são os temas gerais que estão envolvidos na sexualidade”. (P 06 E: 04/04/2023)

“A gente tenta se posicionar. As vezes a gente leva para a sala de aula. E muitas vezes a gente é julgado por levar também. Eu ano passado acabei sendo julgada numa escola por levar o tema para uma sala de primeiro ano. Quando expliquei a respeito da sexualidade dentro de sala. Método contraceptivo, essas coisas. E um pai acabou me questionando, falando que aquilo não era material para se levar para dentro de sala de aula. Então a gente pensa muito a respeito. Hoje mesmo eu me pontuo muito. E penso muito quando vou falar a respeito, porque acabou gerando um medo Na minha pessoa de falar sobre o tema em sala de aula, né”? (P 17 E:04/04/2023)

Segundo Hoz (1998), a sexualidade na educação é um assunto amplo, englobando várias facetas da vivência humana. Assim, é de extrema importância que tanto a família, quanto a escola participem ativamente na discussão desse tópico.

Neste excerto, apresentamos duas observações feitas pelos participantes, sendo que um deles menciona a falta de abertura da turma para discutir o tema em casa, destacando: "Na nossa casa, não é permitido falar sobre isso!" O outro participante relata ter abordado o assunto e ter sido confrontado por um pai, que afirmou não ser adequado discutir aquele conteúdo em sala de aula. Através desses relatos, é possível perceber as diversas dificuldades enfrentadas pelos professores ao tentar tratar do tema. Além disso, houve outra observação semelhante.

“Existe um grande número de pais que rejeitam esse tipo de assunto, não trabalham em casa e rejeita que a escola também trabalhe”. ( P 04 E:11/04/2023)

É visível que, na maioria das vezes, os pais não possuem o conhecimento científico adequado para discutir o assunto. Ao tentarem abordá-lo, podem surgir lacunas que aumentam a curiosidade dos adolescentes, levando-os a procurar informações em fontes pouco confiáveis. Se as dúvidas persistirem e forem compartilhadas com outras pessoas, podem abrir espaço para situações indesejadas. As dificuldades em lidar com esse conteúdo são notadas não apenas entre os pais, mas também nas instituições escolares.

“O PPP da escola, e a gente vê o quanto ele é arcaico, o que está lá escrito muitas vezes é cópia de algum lugar, que foi tirado de algum lugar, que “acharam bonito” e não a realidade da escola. A gente precisa mudar isso, temos na escola uma diversidade muito grande de pessoas que circulam na escola, os nossos estudantes temos as diversidades e nem todos estão amparados, o PPP precisa dessa mudança”. ( P12 E: 18/04/2023)

Conforme destacado por Nachard (2002, p. 5), a escola tem a responsabilidade de criar um espaço em que diversas visões, valores e crenças sobre sexualidade possam ser abertamente compartilhados e debatidos.

Segundo Louro (2001), a opção pela desconstrução como método revela uma perspectiva capaz de desafiar e questionar dualismos estabelecidos, como masculino/feminino, homem/mulher, heterossexualidade/homossexualidade, e outras formas de polarização geralmente aceitas, mas que merecem ser examinadas criticamente e desconstruídas. Portanto, a escola não pode deixar de abordar um tema tão essencial para o desenvolvimento dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa.

Quando a escola coloca obstáculos para abordar determinados conteúdos, como é o caso da educação sexual, que é tão importante para os alunos, acaba-se mantendo o tabu em torno do assunto e prejudicando o desenvolvimento saudável e seguro dos estudantes. A falta de informação adequada e orientação sobre sexualidade pode acarretar uma série de consequências negativas para esses jovens, como gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e relacionamentos abusivos. Para promover uma educação inclusiva e abrangente, é fundamental que as escolas superem as barreiras e

criem um ambiente acolhedor e seguro para discutir o tema, estimulando a conscientização, responsabilidade e respeito mútuo. Outro ponto importante a ser abordado é o combate aos preconceitos relacionados ao tema. Vamos analisar as opiniões e posturas dos participantes durante a formação.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, S. d. E. Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>. Acesso em: 01 de setembro 2022.
- Bozon, M. (2004). Sociologia da Sexualidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- BUENO, Kely Cristina; FRANZOLIN, Fernanda. A utilização de recursos didáticos nas aulas de Ciências Naturais nos Anos Iniciais do Ensino
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Formação de educadores sexuais: adiar não e mais possível. Londrina: Eduel, 2006.
- Chauí, M. (1985) Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense.
- HOZ, V. G. Educação da sexualidade. Lisboa: Die-L, 1998.
- FERREIRA, J.C.F. Reflexões sobre o ser professor: a construção de um professor intelectual. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-reflexoes-sobre-ser-professor.pdf>. acesso em: 09 set.2015.
- JOSSO, M.-C. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2010. [https://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/MZNBkwvmN2yvURo\\_2017-1-21-11-10-59.pdf](https://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/MZNBkwvmN2yvURo_2017-1-21-11-10-59.pdf)
- MANO, Amanda de Mattos Pereira. A educação em sexualidade na perspectiva de futuros pedagogos. In: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2019. Anais XII ENPEC. Natal, 2019
- Meira, M. E. M., Queiroz, A. B., Oliveira, I. A., Moraes, R. Q., & Oliveira, T. H. (2006). Psicologia Escolar, desenvolvimento humano e sexualidade: projetos de orientação sexual em instituições educacionais. Revista Ciência em Extensão, 2(2), 21.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Proposições, SciELO Brasil, v. 19, p. 17–23, 2008.
- Louro, G. L. (1998). Sexualidade: lições da escola. In D. E. E., Meyer (Org.), Saúde e sexualidade na escola. (Cadernos de Educação Básica, vol. 4, pp. 85-96). Porto Alegre: Mediação.
- LOURO, G. L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M.V. (Org.). O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: Dp&a, 2001. 85-92 p.
- NACHARD, L. M. Sexualidade na escola. VI EnFEFE - Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, Niterói, 2002. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/sexualidade-escola/>. Acesso em: 10 de outubro 2023.

OLIVEIRA, Edicleia Lima De; REZENDE, Jaqueline Martins; GONÇALVES, Josiane Peres. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. Revista Ártemis, v. 26, n. 1, p. 303-314, 2018.

OLIVEIRA, M. M. d. Como fazer pesquisa qualitativa. In: Como fazer pesquisa qualitativa. 7º. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.